

A santidade é para todos

“Com a aguda percepção que dá a luz de Deus, a fim de antever as questões cruciais da existência humana e da história do mundo, o jovem sacerdote Josemaría vislumbrou — apesar de que muitos indícios externos sinalizavam precisamente o contrário — que no nosso tempo e nos tempos vindouros existia um grande espaço — todo o espaço! — para a santidade”.

18/10/2002

No próximo dia 6 de outubro, ecoarão, uma vez mais, na Praça de São Pedro, no Vaticano, as palavras do ritual de canonização dos Bem-aventurados. São palavras sonoras, que um cristão nunca ouve sem experimentar um estremecimento interior: “Para honra da Santíssima Trindade, para exaltação da fé católica e incremento da vida cristã, com a autoridade de Nosso Senhor Jesus Cristo, dos Santos Apóstolos Pedro e Paulo e a nossa, depois de haver longamente refletido (...), declaramos e definimos Santo o Beato...”.

Desta vez a pessoa objeto das palavras do Papa será o Bem-aventurado Josemaría Escrivá, o fundador do Opus Dei, que pregou incansavelmente que todos os

homens estão chamados por Deus a serem santos. Mons. Escrivá era homem apaixonado pela santidade. Via-a como realidade árdua, que supõe luta, mas, ao mesmo tempo, como algo possível e acessível a todos. São palavras suas: “Para pacificar a terra com paz autêntica, para transformar a terra, para procurar Deus Nosso Senhor no mundo e através das coisas do mundo, é indispensável a santidade pessoal. Em minhas conversas com pessoas de tantos países e dos mais diversos ambientes sociais, perguntam-me com frequência: E que nos diz aos casados? E a nós que trabalhamos no campo? E às viúvas? E aos jovens? E respondo sistematicamente que tenho uma só panela.(...) O Senhor chama cada um à santidade e a cada um pede amor. a jovens e velhos, a solteiros e casados, a sãos e enfermos, a cultos e ignorantes; trabalhem onde trabalharem, estejam onde

estiverem” (cf. *Amigos de Deus*, n. 294). Para ele, a realização verdadeira do homem consistia em atingir essa meta, em esforçar-se de um modo comprometido para um dia chegar à santidade. E, pelo contrário, o naufrágio da existência do homem — mesmo que houvesse muitos outros êxitos: fortuna, fama, prestígio — seria deixar a vida enveredar por uma órbita de desordem, de egocentrismo, de falta de compromisso para com Deus e os demais, que a afastaria da santidade.

Faz quase dois anos, na Carta Apostólica *Novo millennio ineunte*, o Papa traçou as diretrizes da atuação dos cristãos nesta nova etapa da vida da Igreja e da humanidade. Ao falar da necessidade da santidade, as suas palavras ganham um especial vigor: “Em primeiro lugar, não hesito em dizer que o horizonte para o qual deve tender todo o caminho pastoral é a santidade. (...) (n. 30). É a hora de

repropor a todos, com convicção, esta *medida alta* da vida cristã habitual: a vida da comunidade eclesial e das famílias cristãs deve apontar nesta direção (a santidade)” (n. 31).

Deus muitas vezes serve-se dos santos para enviar recados à humanidade. No final dos anos 20, o fundador do Opus Dei começou a pregar com grande empenho a chamada universal à santidade, que mais tarde veio a ser o núcleo dos ensinamentos do Concílio Vaticano II e que o Papa recordou recentemente aos cristãos. A idéia está no Evangelho — aliás é a sua idéia central — mas, na prática, estava tão esquecida; que alguns ouvidos mais conservadores tacharam a pregação do padre Josemaría de herética. Em 1967, em entrevista à revista *Time*, ele explicava mais uma vez a chamada universal à santidade. “Com o começo da Obra, em 1928, o

que preguei foi que a santidade não é coisa para privilegiados, pois podem ser divinos todos os caminhos da terra, todos os estados, todas as profissões, todas as tarefas honestas. As implicações dessa mensagem são muitas, e a experiência da vida da Obra ajudou-me a conhecê-las cada vez com maior profundidade e riqueza de matizes” (*Questões Atuais do Cristianismo*, n.26).

Com a aguda percepção que dá a luz de Deus, a fim de antever as questões cruciais da existência humana e da história do mundo, o jovem sacerdote Josemaría vislumbrou — apesar de que muitos indícios externos sinalizavam precisamente o contrário — que no nosso tempo e nos tempos vindouros existia um grande espaço — todo o espaço! — para a santidade. “Um segredo. — Um segredo em voz alta: estas crises mundiais são crises de santos. (...)” (cf. *Caminho*, n. 301), escreveu ele em

1939. Não é que negasse entidade às crises daquela época e às de agora: crises sociais, desajustes humanos de diversas ordens, crises familiares ou pessoais ...Reconhece a seriedade desses problemas e a urgência de um remédio eficaz e, precisamente por isto, vem à tona uma vez mais a sua “receita” de sempre. Quando houver mais homens e mais mulheres dispostos a viverem com simplicidade e a fundo, apesar dos seus defeitos e limitações nos ensinamentos de Cristo, o mundo estará a caminho de tornar-se mais humano e mais justo, porque se terá ido à raiz última dos problemas, que irão sendo resolvidos, em vez de simplesmente tratados com paliativos.

Caminho a obra mais conhecida do Bem-aventurado Josemaría, está pontilhada desses convites vigorosos e entusiasmados a que todos se aventurem pela trilha da santidade.

“— Que a tua vida não seja uma vida estéril.— Sê útil.— Deixa rasto.— Ilumina com o resplendor da tua fé e do teu amor. (...)” (n. 1); “Diz, a... esse, que preciso de cinquenta homens que amem a Jesus Cristo sobre todas as coisas” (n. 806). Não se trata de convites românticos, metafóricos, mas de uma convocação séria, para agora, que se deve perceber e a que se deve responder com plena liberdade. Neste sentido, pode-se dizer que *Caminho* é um livro revolucionário. Na sua biografia do fundador do Opus Dei, o professor Peter Berglar, com a autoridade que lhe dá o seu prestígio como historiador e a isenção que tinha pelo fato de ser alemão, compara o livro com as *Meditações intempestivas* de Nietzsche e afirma que os ensaios polêmicos do filósofo são quase inofensivos e ingênuos ao lado do vigor e da força de mobilização dos breves pontos de meditação do livro de Escrivá (cf.

Opus Dei. Vida y obra del Fundador, p. 354). De fato, aí, como nas suas outras obras e na sua pregação como um todo, não se limita a expor idéias, mas procura comunicar uma experiência viva, um estímulo que fermente a existência com o fermento do Evangelho.

No próximo dia 6 de outubro, voltaremos a ver a Praça de São Pedro transbordante de gente das mais diversas procedências, muitos dos quais terão chegado ali depois de esforços consideráveis. Uma coisa é certa: nem essas centenas de milhares de pessoas, nem os milhões de telespectadores que acompanharão a cerimônia nos quatro cantos do mundo são simples admiradores ou seguidores descomprometidos do novo santo da Igreja. São pessoas comuns, vulgares, de todas as raças e nações, jovens e velhos, de todas as condições sociais, que há muito tempo ou há pouco,

também se convenceram de que “estas crises mundiais são crises de santos” (cf. *Caminho*, 301), decidiram procurar que as suas vidas não fossem estéreis, mas úteis (cf. *Caminho*; 1) e, conscientes dos seus defeitos e limitações, mas ao mesmo tempo cheios de entusiasmo e de brios, atreveram-se a tentar ser um desses cinquenta homens ou mulheres que amam a Jesus Cristo sobre todas as coisas (cf. *Caminho*, 806).

A canonização do Bem-aventurado Josemaría Escrivá e a conseqüente extensão do seu culto litúrgico à Igreja universal suporão grande bem para a humanidade e para todos os cristãos, já que será um estímulo para que muitos, que até agora talvez só olharam para a santidade de longe, como uma questão abstrata e alheia, de repente passem a vê-la com outros olhos, como convite fascinante e pessoal, meta concreta e

possível, plenamente compatível com as circunstâncias da vida no nosso mundo.

Mons. Pedro Barreto Celestino é o Vigário da Delegação da Prelazia do Opus Dei no Rio de Janeiro.

Mons. Pedro Barreto Celestino //
Jornal do Commercio

pdf | Documento gerado automaticamente de <https://dev.opusdei.org/pt-br/article/santidad-e-para-todos/> (16/08/2025)